

breve e sobreviverá a tôdas as dificuldades. Eis o que, a meu ver, significa a FINTURA AMAZÔNICA de Ivan Serpa. Nela há um frescor inaugural, um lirismo irreduzível, uma graça que nada consegue destruir. Ivan Serpa fala de nós, de nosso caráter nacional, de nossa teimosa e irreduzível vocação de sobrevivência e de crescimento espiritual.

É o Brasil permanente que encontramos nesta exposição de Ivan Serpa. O tropicalismo dos verdes numerosos, a ingenuidade dos vários tons de rosa, a austeridade do roxo, a delicadeza das gradações cromáticas que se sucedem numa perfeita sabedoria artesanal — tudo isto é lançado no espaço pictórico com um extraordinário poder de organização e disciplina. Ivan Serpa nos revela — não o caos brasileiro — mas a ordem que está nascendo deste caos, a consciência que brota da terra virgem, sem traí-la, mas sem deixar de configurar-se como um grito domado.

Ivan Serpa toma da realidade brasileira a sua luxúria verde, a curva doce e rica do barroco que nos constitui, o lirismo que impregna as manifestações criativas de nossa arte popular e, de tudo isto, constrói as mândalas de sua fase nova, símbolos de maturidade pessoal e de afirmação nacional. O Brasil avança, dolorosamente, na busca de sua consciência histórica. A pintura de Ivan Serpa o testemunha e, ao mesmo tempo, prenuncia vitória.

HELIO PELLEGRINO

Em sua última fase, tão bela, tão jovem, tão equilibrada e tão generosa, Ivan Serpa descobriu a PERMANÊNCIA do Brasil, a essência nacional que sobreviveu, so-

→ Exposição Bonino
Fase Amazônica
Catálogo - Pinturas
agosto de 1968

OS DESENHOS DE SERPA

O erotismo representado através de uma fusão que, ao mesmo tempo que insinua as partes eróticas, denuncia a anulação do ser dentro de uma unidade ideal. O ser dual que se concentra numa devoração mútua, desdobrando-se em formas que, através do movimento, geram o sentido da vida: o orgasmo, a contração das ostras, a úmida solidão das corolas, o suave limo de uma pedra submersa, a inclinação de seio de uma montanha que emoldura a terra mãe e seu universo de larvas e silenciosa fermentação. Os desenhos de Ivan Serpa nos trazem isso. Debruçado na multiplicação do ponto, tendo em vista a definição de Kandinski de que "o ponto é a forma interiormente mais simples", "um pequeno mundo, mas um menos regularmente isolado por todos os lados e quase arrancado de seus contornos", estes desenhos partem disso, de uma exemplar solidão vertida em severa economia expressiva. Em vez de simplesmente sombrear as doces curvas da carne, Ivan Serpa pontilhou-as, humanizou-as criando uma sombra resultante de mil toques do bico da pena, exaurindo-se numa concentração paciente e tranqüila. A linha, como tensão dirigida, partindo paralelamente registra outro timbre deste mesmo som, que no ponto é o gemido crispado da matéria que goza. Em ponto e linha, elementos fundamentais da raiz gráfica, Ivan Serpa amadureceu estas formas que retratam

o homem num dos atos mais fundamentais (e naturais) do seu existir, o ato de amar. E amar plenamente, é o que se desprende destes desenhos perfeccionistas e despojados, ansiosos de puro movimento, sensuais e metamorfoseados, como se a ação amorosa, em seus âmbitos antropofágicos, gerasse uma terceira natureza, uma raça de desprendidos absolutos, de esquecidos totais, de alucinados do abismo. Assim se vestem estes mergulhadores, desvestidos e irreais, como certos bichos do primeiro dia da criação, quando tudo era surpresa e motivo de temor aos nossos olhos inaugurados. Na verdade Ivan Serpa nos inaugura ainda uma vez o erotismo, restaura o mistério, recupera-o do barateamento com que os desmistificadores de ocasião pensavam enriquecê-lo. Através deles somos outra vez uma forma pulsante boiando na treva, iluminados por dentro, com a pérola secreta da morte roendo as maciezas do nosso transpasse.

WALMIR AYALA

Rio - agosto de 1968.

8A

Agosto 1968

Exposição Bonino

catálogo - Desenho

Arquiver